A medida de nós mesmos

por Dionisius Valença

Dados técnicos: Nicolae Steinhardt. *O diário da felicidade*. Tradução de Elpídio Mario Dantas Fonseca. É Realizações, 2009.

G.K.Chesterton, em seu *Ortodoxia*, definiu dessa forma a felicidade humana: "A perfeita felicidade dos homens sobre a terra... não será uma coisa plana e sólida, como a satisfação dos animais. Será um equilíbrio exato e perigoso: como o equilíbrio de um romance desesperado. O homem precisa ter a medida exata e suficiente de fé em si mesmo para ter aventuras: e ter a medida exata e suficiente de dúvida de si mesmo para desfrutá-las".

Se houve um homem que soube o que é esta felicidade anunciada por Chesterton, foi Nicolae Steinhardt. Creio que os leitores da *Dicta* já terão tido contato nestes últimos meses com a obra do monge romeno, chamada curiosa e paradoxalmente de *O diário da felicidade*. Se não é o caso, por favor, deixem que estas mal-traçadas linhas humildemente os levem a se interessar pelo mais importante livro publicado no ano de 2009.

A publicação de *O Diário da Felicidade* na última semana do ano de 2009 (ano de exaltação tupinambá graças às conquistas lulistas: pré-sal, jogos olímpicos, *Vox populi* na casa dos 80% de aprovação), mostra que Deus pode andar ocupado, mas ainda opera seus pequenos milagres por estas bandas.

Para entender este milagre, ou o entusiasmo deste escriba, basta folhear o livro e deixar-se levar. Levar pela sinceridade provocadora, coragem (é este o pilar da obra) e uma surpresa: ao ler o livro recordo-me do poeta Bruno Tolentino. Nota-se que homens de vidas tão distintas encontram no cristianismo uma força avassaladora e que pessoas que vivem vidas tão opostas compreendem que a graça divina pode ser encontrada até nas situações mais desesperadoras (ou mesmo modestas, pois não são necessários apenas os dramas) – e isto comove o coração.

Mas além de uma defesa vital do cristianismo, o livro é um guia para medirmos a nós mesmos. Homens como Steinhardt, nascido judeu, mas convertido enquanto estava preso pela *Securitate* romena, revelam mais do que a nossa pequenez: desnudam também os nossos pecados. Sim, pois ao lermos as páginas, ao depararmo-nos com a situação absurda de um sujeito preso e denunciado por seus pares, somos forçados a reconhecer que o nascimento das tiranias nasce não de uma vontade abstrata, mas de nossa própria tirania interior: dos nossos indizíveis pecados; das nossas mentiras e negações; covardias e delações, refletidas, alimentadas e nutridas

por toda uma geração de homens trivialmente pecaminosos – é aí que surge o grande Leviatã a nos devorar.

A tirania moderna, a que desponta nesta primeira década do séc. XXI, já não é o totalitarismo nazista ou comunista. Não, o Leviatã moderno é uma entidade que nasceu e nos vigia, nos acusa e denuncia no olhar de nossos amigos, de nossos pais e irmãos, de nossos filhos e amados. Quer nos tiranizar com afago e desprezo, ao moldar o pequeno verme em nosso peito; tentando-nos ao nos esmagar sob o conformismo e o medo de sermos abandonados por aqueles mesmos que amamos.

E é necessário lembrarmos que há toda uma pletora de intelectuais, artistas e políticos que conseguiram, com seu afã de nos livrar de Deus, transformar o mal em algo prosaico. Um aborto, uma família dessacralizada, o uso de narcóticos, a pedofilia... tudo simplificado e ressignificado como meras banalidades. Ao fazerem isso, tornaram a vida menos importante que a bala que perfura nossa nuca ao fim de tudo.

Um das lições mais importantes do livro de Steinhardt é resgatar essa certeza e essa concretude do mal. Pois ele existe e permanece dentro de nós, mesmo após nossas justificativas, nossas distorções e construções mentais. Um câncer não confessado, que cresce e consome tudo à nossa volta.

O Diário da Felicidade, mais do que o testemunho de um sobrevivente no inferno do totalitarismo, é o próprio resgate daquilo que nos torna novamente homens: a coragem para enfrentar o drama do ser humano concreto. Daqueles que não temem confrontar o problema do pecado e da redenção, daqueles que sabem que, no final, é isto que importa. E a prova maior disso está nos seguintes trechos:

> *Milhares de diabos me formigam quando vejo como o cristianismo é confundido com a tolice, com uma espécie de piedade tola e covarde, uma* bondieuserie *(beatice), como se o destino do cristianismo não fosse senão deixar o mundo ser escarnecido pelas forças do mal, e ele, em si, facilitasse as más ações, dado que é por definição condenado à cegueira e à paraplegia.*

Ou

> *Em parte nenhuma e nunca Cristo nos pediu para sermos tolos. Chama-nos para sermos bons, brandos, honestos, humildes de coração, mas não idiotas.*

E como alerta para nós, embasbacados e idiotizados pela nossa brasilidade, pelo nosso novo e futurista país, fica o alerta visionário do pai de Nicolae, Oscar Steinhardt, que em 1944, ao ver o filho admirado com entrada dos tanques russos em Bucareste, saudou-o e disse: "Paraste para olhar, animal, paraste para olhar todos e não sabes o que te espera, vê como riem, mas vão chorar lágrimas amargas e também tu..."

Se este é um dos exemplos da medida de nós mesmos, que fiquemos com os exemplos maiores, como o do próprio Steinhardt, que, na abertura de seu livro, afirma que, em qualquer ambiente de espírito totalitário, existem apenas três soluções, inspiradas, respectivamente, em Alexander Solzhenistyn, Vladimir Bukovsky e Winston Churchill. A primeira é fingir-se de homem morto, para não ser tentado pelas ilusões do mundo; a segunda é dar uma de louco, como um pária da sociedade, para que ninguém o leve a sério apesar de você gritar a verdade aos quatro

cantos do universo; e a terceira é o famoso exemplo do *vergo, mas não quebro*, quando alguém encontra suas maiores forças no exato momento em que tudo parece se despedaçar. Steinhardt, depois de sua prisão e de sua conversão, só pode encontrar a verdadeira benção que é a felicidade depois de ter se espelhado nestes três exemplos.

Dadas as soluções, é necessário que perguntemos: teremos a coragem de optar por alguma delas?

Dionisius Valença é gestor de empresas e colaborador da Dicta&Contradicta.

Em defesa da Filosofia 'perene'

[illegible]

[illegible]

É possível problematizar a urgência [illegible] filosóficas contemporâneas a partir de qualquer filosofia do passado? O livro do professor Raul Landim Filho, da UNB, é mais uma boa evidência de que isto. [illegible] Doutor Disputando de Metafísica e de Crítica de Conhecimento reúne ensaios de Landim sobre Tomás de Aquino, Descartes e Kant, passando por Espinosa e chegando inclusive a Wittgenstein e outros mais contemporâneos. Até aqui, nada de espantoso para um erudito de alto nível como ele, que precisa o estudo dos clássicos da filosofia — como que sendo [illegible]

[illegible] para sucessivas gerações de alunos no célebre Seminário Filosofia da Linguagem, [illegible] ao estudo clássico de textos que [illegible] no país. O alcance dos textos de Landim, entretanto, parece ser outro. É mais, não diria, [illegible]

O alcance é maior precisamente porque os textos não são simplesmente [illegible] Tomás, no caso Kant, Raul Landim não se restringe a glosa, ao comentário de textos clássicos — restrição tão comum à atividade universitária contemporânea. O autor vai buscar na tradição do neo-tomismo do século XX, em particular nas figuras ilustres e complementares de Joseph Maréchal, Étienne Gilson e Jacques Maritain uma preciosa lição: mostrar a contribuição de S. Tomás de outras situações históricas e como outros horizontes conceituais para o análise e a compreensão dos problemas filosóficos que nos tocam hoje. Uma lição que vale a pena ser transmitida, sem dúvida, pois mostra que, se realmente existir algo como uma filosofia perene, a prova de sua existência reside no fato de que os problemas filosóficos do passado continuam vivos, algumas vezes com a mesma força originária e expressiva de antes, em outros casos iluminando variados aspectos dos novos questões, que lhes conferem a beleza sem com soluções, sem condicionando novas agendas de investigação.

É sentido que o professor Landim percorre seus conjuntos de textos clássicos na história da filosofia, tais como a teoria da verdade no quadro da realismo metafísico, a noção de ser [illegible] no sistema cartesiano, o argumento ontológico apresentado por Descartes à [illegible] que Kant), as críticas de Kant a [illegible] cartesiana, as teorias [illegible] e kantianas dos elementos constitutivos de juízo, bem como seu